

LIDO DEPOIS, PARA SER REPENSADO HOJE: O NEXO PROFUNDO ENTRE LIMA BARRETO E OSMAN LINS

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i37p56-69>

Francismar Ramírez Barreto

RESUMO

Os cem anos da morte de Lima Barreto (1922-2022) e os quarenta da escrita de *Lima Barreto e o ensaio romanesco*, de Osman Lins (1973-2023), é um bom momento para repensar a relação entre esses dois autores e, especificamente, a conexão entre os romances *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *A rainha dos cárceres da Grécia*. Textos críticos existem de muitas naturezas, mas não abundam os que, pensados por romancistas, se detenham a refletir *por extenso* na arquitetura ficcional da obra de algum grande nome literário do passado (também não é comum na atualidade). Redigido em um tempo breve (em torno de oito meses, segundo notícia Sandra Nitrini), o trabalho de doutoramento de Lins foi publicado em 1976 e por muito tempo ficou de lado. Contabilizado entre os primeiros aportes acadêmicos brasileiros a respeito do tema do espaço literário, e visto o progressivo crescimento da fortuna crítica do escritor pernambucano, era hora de dar sustento a essas relações. Este trabalho tenta estabelecer uma ponte teórica entre o romance de Lima Barreto, o capítulo VII do ensaio de Lins e alguns fragmentos de seu último romance publicado em 1976. São histórias com personagens isoladas; delirantes (a loucura incipiente em um deles, mais radical no do autor mais recente); que se relacionam de um modo particular com o seu espaço; que se desenvolvem em meio a fortes oposições temáticas (vida e morte; juventude e velhice; luta e capitulação; espiritualidade e materialidade; barbárie e beleza); que se veem diante de *superposições* (figuras e incidentes sobre cenários) e *animizações*; e também diante de tensões temporais. O tema é longo, mas em desdobramentos futuros será possível ampliar algumas destas notas.

PALAVRAS-CHAVE: Osman Lins; Lima Barreto; *A rainha dos cárceres da Grécia*; *Lima Barreto e o espaço romanesco*; intertextualidade.

RESUMEN

A cien años del fallecimiento de Lima Barreto (1922-2022) y cuarenta de la escritura de Lima Barreto y el ensayo novelesco (1973-2023), es un buen momento para repensar la relación entre estos dos autores y, específicamente, la conexión Lima Barreto y el espacio novelesco; intertextualidad. Entre las novelas Vida y muerte de M. J. Gonzaga de Sá y La reina de las prisiones de Grecia. Textos críticos hay de muchas naturalezas, pero no abundan los que pensados por novelistas se detengan a reflexionar por extenso la arquitectura ficcional de la obra de algún colega de otrora (tampoco sucede mucho en la actualidad). Escrito en un tiempo breve (ocho meses, según lo comenta Sandra Nitrini), el trabajo de doctorado de Lins fue publicado en 1976 y por mucho tiempo fue dejado de lado. Contabilizado entre los primeros aportes académicos brasileños respecto al tema del espacio literario, y visto el progresivo crecimiento de la fortuna crítica sobre el escritor pernambucano, era hora de darle un sustento a estas relaciones. Este artículo trata de establecer un puente teórico entre la novela de Lima Barreto, el último capítulo del ensayo de Lins y su última novela publicada. Son historias con personajes aislados (no conformes con su realidad); delirantes (locura incipiente en uno de ellos y un estado más radical en el del autor más reciente); que se relacionan de un modo específico con su espacio; que se desarrollan en medio a fuertes oposiciones temáticas (vida y muerte, juventud y vejez, lucha y capitulación, espiritualidad y materialidad, barbarie y belleza); en medio a superposiciones (figuras o incidentes sobre escenarios) y animizaciones; y que viven tensiones temporales particulares. Es tema es largo, pero en futuros desdoblamientos será posible ampliar estas notas.

PALABRAS-CLAVE: *Osman Lins; Lima Barreto; La reina de las prisiones de Grecia;*

“A maior fonte do mundo é a doçura.”
Lima Barreto, em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

“Santo Afonso Henriques! Fazei de mim uma escritora.”
Osman Lins, *A rainha dos cárceres da Grécia*.

A possibilidade de estudar um autor pelo olhar de outro não é tão habitual quanto se pensa. Quando isso acontece com um *texto de base* (como o trabalho que Osman Lins escreve sobre Lima Barreto entre abril e setembro de 1973), a chance de encontrar preocupações semelhantes, diferenças assombrosas ou processos familiares torna-se uma espécie de laboratório. Sete capítulos e um prefácio estruturam *Lima Barreto e o espaço romanesco*. Lins inicia o seu percurso de pesquisa com detalhes biográficos sobre Lima; passa para o tema da *ação* nos romances (trabalha aqui com a noção de *insulamento*, a partir do que o próprio Lins entende em Lima como *trilogia da incomunicabilidade*); destaca a tensão entre *personagens e espaço* (aborda no terceiro capítulo os “romances sem conflito no sentido tradicional”); detém-se na categoria de *espaço romanesco* (para a qual lança mão de exemplos vindos das penas de James Joyce, Lewis Carroll, Dante Alighieri, Marques Rebelo e Clarice Lispector); constrói alternativas teóricas para a compreensão do tema da *ambientação* (aqui explora a tríade franca-reflexa-oblíqua); no sexto capítulo abre margem para a discussão sobre as *funções caracterizadoras do espaço* (como *moldura* ou *elemento inútil*) e chega, por fim, a uma proposta de análise de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Para leitores com

um olhar mais teórico, possivelmente o trecho de maior peso no livro. E Lins (1976, p.112) parecia ter curiosidade pela obra de Lima e mostrar preocupação por certas “soluções e singularidades” narrativas.

Ainda que localizados no livro, os traços biográficos de Lima Barreto dispersam-se ao longo da reflexão de Lins. O escritor pernambucano comenta a impaciência e o arrebatamento característico de Lima, duas qualidades que o levam a escrever “rápido”, sem contribuir (porém) com a publicação de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Como Picasso, Lima Barreto nasce em 1881. Chega ao mundo no Brasil imperial. Em 1918 (ano em que a gripe espanhola assola o Brasil), a sua saúde é submetida à avaliação de uma junta médica. Decide-se que não está mais qualificado “para o serviço público, por sofrer de epilepsia torácica” (BARBOSA, 1978b, p.370). Solicita a aposentadoria no Ministério da Guerra. Volta a ser internado no Hospital Central do Exército (agora com a clavícula fraturada). Desde a enfermaria remete a Monteiro Lobato os originais de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Recebe a notícia do decreto presidencial que permite a sua aposentadoria. Chega ao fim a Primeira Guerra Mundial. Uma mulher será designada, pela primeira vez, na administração pública brasileira (fato sobre o qual Lima Barreto se pronunciará publicamente). E as mulheres obterão o direito ao voto na Inglaterra.

Um ano depois (o ano em que *Vida e morte* chega ao público), Lima Barreto recebe alta do Hospital, com a indicação de “alcoolismo crônico”. Em 1919 (ano da publicação da *Sinfonia pastoral*, de André Gide, e de *Cuentos de la selva*, de Horacio Quiroga), Lima permanecerá, pela segunda vez, no Hospício. Em 1921 entrará em circulação uma nova edição de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (com o rótulo “Menção de honor da Academia Brasileira de Letras”) e um ano depois [sem chegar a conhecer *Trilce* (de César Vallejo), nem *Ulises* (de James Joyce), nem *O cemitério marinho* (de Paul Valéry)], Lima Barreto dirá *até mais*. Cem anos depois estamos aqui, no olho de um país (e de um mundo) certamente turbulento.

Em *Triste visionário*, biografia que escreve sobre Lima Barreto, Lilia Schwarcz (2017) resgata uma informação interessante (que Lins também salienta): *Vida e morte* foi o último livro publicado do autor, mas podia ter sido o primeiro, visto que estava praticamente acabado em 1909. A historiadora atribui a demora à impressão de que o autor biografado se transforma em um de seus

próprios personagens: “Era cada um deles, todos juntos, e nenhum também. [...] era sempre criador e criatura” (SCHWARCZ, 2017, p.11). O certo é que o prefácio de *Gonzaga de Sá* aparece datado em 1906 e que o foco do romance parece estar (inicialmente) sobre o *funcionário público brasileiro*. Um tema inspirado na vida de um autor que entendia a sua obra como “literatura militante e biográfica” (Idem).

O personagem de Lima é descrito como um bacharel em Letras, formado no Colégio Pedro II, e cuja falta de vontade para encaminhar um curso superior o conduz a um cargo público: “Nada mais semelhante ao destino de seu criador, que querendo se consagrar à ciência e depois à literatura, acabou amanuense”, comenta Schwarz em *Triste visionário* (p.475). Quiçá esteja aqui o primeiro grande elo entre a vida e a obra de Lima Barreto e Osman Lins, também eles *funcionários públicos*. Lima, 14 anos no Rio de Janeiro como amanuense da Secretaria da Guerra. E Lins (antes de tomar o caminho da carreira docente), 27 em São Paulo, em diferentes cadeiras do Banco do Brasil. Dois escritores comprometidos com a sua realidade, que deixaram em suas obras traços dos conflitos vivenciados durante a sua experiência profissional.

É na *perspectiva biográfica* que uma primeira observação cobra forma: *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é outro¹ “romance em camadas”. O texto não se configura em uma direção só. Começa com uma “advertência” de Lima Barreto, datada em abril de 1918. O autor se apresenta como “antigo colega de escola, hoje de ofício, de Augusto Machado”. Lima discorda de Machado a respeito do gênero e explica por que, para ele, o texto que se segue não se encaixa propriamente na *biografia*. Faltam, no seu entender, dados rigorosos, exatidão e minúcia em algumas passagens, e há presença excessiva de Machado. No último capítulo de seu ensaio, Lins (1976a, p.112) dedica-se a analisar pormenorizadamente as “rebeldias presentes no livro”.

Após a chamada de atenção de Lima o leitor encontrará um excerto de Machado, intitulado “Explicação necessária”, sendo que Machado é apresentado por Barreto como “autor” na “Advertência”. E sendo, também, que Machado considera seu texto como uma *monografia*. Vem de onde o interesse em escrever

¹ Ao começar a explicar as conexões entre *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *A rainha dos cárceres da Grécia* ficará compreensível a utilização do pronome “outro”.

uma *descrição de um gênero só*? Segundo Augusto Machado, da leitura diurna e noturna das biografias do doutor Pelino Guedes. Uma referência histórica, considerando que Pelino Joaquim da Costa Guedes foi diretor-geral da Diretoria de Justiça e responsável pelo processo de aposentadoria de João Henriques. Em *Vida e Morte*, Pelino Guedes parece ter um duplo em Xisto Beldroegas, mais um doutor para o qual “todo pedido devia ser indeferido [...] depois de mil vezes informado por vinte e tantas repartições, para que a máquina governamental esmagasse o atrevido” (BARRETO, 2001, p.620). Francisco de Assis Barbosa (2017, p.121) fala dessa referência na edição de 2017 de sua biografia de Lima:

Como o irritava aquele homenzinho metuculoso, que estava sempre a exigir-lhe mais um documento, mais uma certidão! Por trás de sua secretaria o alto funcionário representava-lhe um inimigo feroz, protegido por uma cidadela inexpugnável de convenções, a inventar toda sorte de dificuldades, a criar os maiores obstáculos, num sadismo de burocrata, indiferente ao problema humano que tinha diante de si. Eram tais as exigências de Pelino Guedes que Lima Barreto passou a atribuir ao diretor-geral o propósito deliberado de retardar o mais possível o processo de aposentadoria.

Quem me fala? Onde estou? Quem sou?

A rainha dos cárceres da Grécia, último romance publicado de Osman Lins, não tem “advertência”, não traz “explicação necessária”, mas apresenta “uma cadeia ininterrupta de fatos, centrados em Maria de França, heroína parda e pobre, perdida nas escadas, nos corredores e nas salas da burocracia previdenciária, onde luta por determinado benefício” (LINS, 1976b, p.9). Antes disso, Lins propõe ao público (com esse romance) um texto em vários níveis: um “obscuro professor secundário” (p.15), “do que antes se chamava História Natural” (p.72), esmiúça os detalhes do romance de Julia Marquezim Enone, uma mulher que amou e cujo livro ninguém conhece (porque, apesar de ter sido reproduzido em uma máquina a álcool, não chegou a ser publicado). O livro de Julia intitula-se *A rainha dos cárceres da Grécia* (como o romance de Lins). A vida e as penúrias de Maria de França

ocupam as páginas do que o professor resgata. Mas, apesar da estrutura de diário-íntimo (entrada após entrada), é possível informar-se a respeito de situações noticiosas (reais) de meados da década de 1970 (isso sem contar a natureza heterogênea de insumos, como transcrições de fitas magnéticas, trechos de algum *Diário Oficial da União*, recortes de jornal arquivados por Julia ou citações com referências falsas).

Nesse “modelo para armar” tão particular, o leitor se assume em permanente trabalho de localização: “quem me fala?”, “onde estou?” (em qual dos livros), “onde estou?” (em qual cidade?), “onde estou?” (em qual dimensão da realidade-pensada-para-ser-lida). Esse último viés adquire mais relevância ao recuperar a resposta que Lins dá a José Mário Rodrigues, sobre *A rainha*, em uma entrevista para o *Jornal do Comércio* (1976): “É uma obra onde predomina o imaginário” (LINS, 1979, p.241).

O professor ainda formula (e questiona quem lê com) uma pergunta de teor mais existencial: “Quem sou?” (LINS, 1976b, p.180). Possivelmente por isso *A rainha dos cárceres da Grécia* (a de Osman Lins) resulte um romance assaz emocionante. No fundo, trata-se de uma *máquina do tempo* que conduz o “viajante” a uma voragem de situações narrativas. Não menciono o espaço (apesar de ter sido o grande tema da tese de Lins e um aporte crítico essencial) porque as duas variáveis costumam ir da mão, porque o próprio Lins (1979, p.246) chega a afirmar ter *A rainha* “uma estrutura mais voltada para o cotidiano, o temporal e o efêmero”, e porque até onde é possível observar nas produções audiovisuais (para delimitar a reflexão ao território da ficção) toda vez que alguém é sujeito de deslocamento no tempo, o seu espaço muda (o romance de estreia de Audrey Niffenegger, depois adaptado como minissérie por HBO com o título *The Time Traveler’s Wife*, é um caso recente). O percurso de Lima Barreto em *Vida e morte* não chega até esse ponto, mas diante das preocupações que hoje se percebem como compartilhadas, a sua leitura minuciosa deve ter acionado a reflexão sobre pensamentos ou planos ou angústias que já moravam no interior de Lins.

Lido nas primeiras aproximações, o capítulo que Osman Lins dedica ao romance de Lima Barreto aborda com detalhe a técnica literária que o segundo aplica para estabelecer relações entre os personagens e os seus entornos. Com o

tempo, porém, a sensação (quase alegórica) é que Lins fala não apenas de sua forma de compreender a literatura, mas de ideias compartilhadas com o autor que estuda e que em paralelo coloca em prática em *A rainha dos cárceres da Grécia*. Quando Lins (1976a, p.112) afirma ser *Vida e morte* um “romance desarticulado e cuja desagregação reflete tão bem o homem de que se ocupa, ilhado, não relacionado com os demais e a ponto de fragmentar-se interiormente”, é inevitável pensar em todas as etapas objetivas pelas quais passa *A rainha* na frente do olhar do leitor. A desarticulação proposta por Lins começa com o tema do gênero textual,² mas se transforma paulatinamente em *desagregação* das personagens (com um protagonista também ilhado que sofre um febril processo de *fragmentação interna* no período escolhido entre os anos 1974 e 1975).

Retomando, porém, a figura de Pelino Guedes, é importante comentar que o personagem referenciado por Lima Barreto dedica seu tempo a escrever biografias de ministros (tem, por sinal, uma coleção). Augusto Machado, em resposta, esboça o projeto de um conjunto de biografias de escribas ministeriais, começando por Manuel Joaquim Gonzaga de Sá. Fazendo patente a ironia própria de Lima (um recurso que, por sua vez, está de manifesto em Lins e no romance dele mencionado), Machado esboça um plano de “duas dúzias” de biografias porque “se os doutores curam e outros advogam, alguém tinha que biografar ministros e mais alguém, amanuenses” (BARRETO, 2001, p.559).

O professor imaginado por Osman Lins não se propõe a fazer “duas dúzias de biografias”, mas exprime (como nos “paratextos ficcionais” propostos por Lima Barreto) a intenção de configurar por escrito os detalhes da vida de Julia Marquezim Enone; muda de parecer, encaminha-se para o ensaio e termina escrevendo um diário para o qual conflui – com cálculos de outra natureza, em comparação com *Avalovara* – uma heterogeneidade de intenções: uma biografia, que é um ensaio sobre um romance que não existe, com forma de diário, que é

² Osman Lins (1976a, p.114) se refere ao romance de Lima Barreto como “um conjunto de meditações sobre o destino humano”. Na entrada do 11.3.1974, o professor (personagem de *A rainha*) utiliza (não por acaso) a mesma palavra: “Eu, cujo verão inevitavelmente começa a declinar, um celibatário nutrido de leituras e supondo haver adquirido, na contemplação e na meditação, um pó de sabedoria” (LINS, 1976b, p.115). O que em princípio pode ser entendido como efeito da idade (o verão que declina), não é outra coisa que o esfacelamento da personagem (de um jeito mais radical que Lima Barreto).

meditação, tudo em um romance que existe. Porque também, no centro do pensamento de Lins (1979, p.239), está a *literatura romanesca*.

Se bem a *perspectiva biográfica* não abandona nenhuma das duas obras, não se pode deixar de lado o fio da *literatura militante*, visto que o adjetivo foi associado expressamente a Lima Barreto. Descrever um labirinto burocrático, kafkiano e latino-americano não viria a ser uma forma de crítica? Fazendo essa crítica (seja do *ponto de vista interno* da instituição – da imaginada Secretaria dos Cultos no caso de Lima Barreto –, seja do *ponto de vista externo* – do itinerário infernal de Maria de França, no caso de Lins) não estariam os autores advogando por uma rotina menos desumanizadora em certos processos administrativos, em benefício das pessoas?

Comenta Lins na tese sobre Lima a presença, inicialmente no título, da antítese entre “vida e morte”. Não viria a explorar também ele esta oposição ao fazer que o leitor acompanhe cada ida ao Instituto Nacional de Previdência Social, as entradas no Hospital de Alienados, cada situação comprobatória (com ou sem documentos mediante), ou pedidos de firmas reconhecidas no tabelião, ou atestados de saúde e pobreza? O que no dia 8.9.1974 resulta quase cômico (que o sr. Reinhold Stephanes, novo presidente do INPS, encontre a burocracia “arrepicante”), com o andar da engrenagem romanesca torna-se literal. Apavorante.

Muitos dos recursos que Lins nota em Lima aparecem disseminados nos próprios textos. É difícil estabelecer a intensidade da influência, pois é bem possível que os dois autores tenham compartilhado preocupações técnicas. Não se pode deixar de observar, porém, que tanto Gonzaga de Sá como o professor são personagens estudiosos (seres que confrontam o mundo a partir da razão); que em ambos está presente o delírio (momentâneo em um, em outro de forma progressiva, demorada). Ou que os romances coincidem em situações que opõem vida e morte, luta e capitulação, juventude e velhice, no pensamento e na sua ausência, no espiritual e no material, na barbárie contraposta à beleza; em temas como a decadência, a ruína e a degradação; em procedimentos como as *superposições* (figuras e incidentes sobre cenários) e as *animizações*; em uma tensão temporal entre passado e presente (ou entre uma reminiscência heroica e um presente insatisfatório) e, sem dúvida, na existência de personagens isolados – conscientemente afastados do mundo (seja por um luto sócio-histórico, seja por

um luto particular). São seres que passam seus dias abrigados em exaltadas interioridades.

Osman Lins faz uma ressalva importante a respeito do tema da luta e seu oposto em *Vida e morte*. Pensado desde um ponto de vista positivo (cientes dos mil e um entraves), Maria de França tenta (uma e outra vez) fazer prevalecer seus interesses. Não é isso o que acontece com Gonzaga de Sá (um indivíduo que se rende diante de seu presente). Ele não busca a realização profissional em uma promoção. Para os amanuenses transcender seria encontrar um lugar pleno no mundo, um lugar distendido do qual observar a poesia do contexto sem tanto conflito. Lins (2001, p.146) os descreve, no seu ensaio, como “excluídos de um convívio real”, personagens assediados por interrogações para com o seu meio; como “almas brandas” contrastadas com “governantes bárbaros” (LINS, 1976b, p.147).

Institucionalidade a favor do coletivo

Duas das histórias internas mais comoventes de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* são a do “velho preto Inácio” e a de Romualdo de Araújo. Outrora escravo o primeiro, pouco mais velho que Gonzaga de Sá, liberto na hora da água sacramental, o mordomo que trabalha na casa da tia do funcionário público é objeto de lamento e admiração por igual. A média dessa relação é o amor que Gonzaga manifesta por Inácio. Algo parecido acontece com Romualdo, empregado da Secretaria dos Cultos, com quem M. J. Gonzaga de Sá tem uma amizade “forte e profunda”, apesar de viverem situações cotidianas muito diversas: “Conquanto não tivessem nunca chegado à completa intimidade, eles se amavam de um modo especial, distante, é certo, mas que permitia a duração eterna da afeição” (BARRETO, 2001, p.605).

Não demonstra preocupação similar Osman Lins quando, em *A rainha dos cárceres da Grécia*, resgata uma matéria jornalística para dizer que “48 hospitais brasileiros fecharam as portas nos últimos dois anos”, entre eles o Hospital Boa Esperança, de Itapecerica, transformado posteriormente em cadeia? (a matéria referenciada é de janeiro de 1970). Não se condói Lins (1976b, p.108) com as necessidades de um setor da sociedade brasileira, quando resgata a notícia de Rita

Correia de Araújo Esteves, grávida de sete meses, cujo atendimento foi recusado na Maternidade de Juiz de Fora, “alegando ser muito cedo para o internamento”?. O professor parafraseia o final da nota dizendo que a moça de 33 anos e o filho falecem em 1975, sem que ninguém os assista. Se alguém perguntasse pelo tipo de *militância* que praticaram Lima Barreto e Osman Lins, a resposta inicial estaria na linha da defesa ativa de uma única causa social que incluiria necessariamente a multiplicidade étnica, mas que consideraria diversos aspectos de um coletivo brasileiro no qual as instituições atuem em favor da proteção de seus indivíduos (e não a de uma deformidade institucional, pública, que atentasse contra eles. Chame-se hospício, cadeia, rodovia ou repartição).

Existem *pontos de contato* mais específicos entre essas duas obras de Lima Barreto e Osman Lins. Veja-se o exemplo de uma citação literal entre os romances mencionados. A sobrinha do professor em *A rainha dos cárceres da Grécia*, a moça que viaja de Espírito Santo até a estância termal de Serra Negra (no Circuito das Águas Paulista), chama-se Alcmena. Como se chama, igualmente, a única mulher pela qual se encanta Gonzaga de Sá ao longo da memória recriada de Augusto Machado. Detalhe curioso, Gonzaga de Sá e Alcmena se conhecem no velório de Romualdo. O simbolismo da cena é perceptível: uma vida se extingue e um laço de encantamento emerge, tudo ao mesmo tempo (a situação não é precisamente harmoniosa. O cenário propicia a *superposição temática*, respondendo este procedimento a motivação similar à da *superposição espacial* ou *temporal*: o entrecruzamento de opostos, diante de uma realidade insuficiente).

A personagem de Lima é descrita como uma “moça de tez macia, cabelos castanhos, mãos longas e bonitas, um pouco estragadas pelo trabalho doméstico” (BARRETO, 2001, p.606). A certa altura do romance, Lima acrescenta que Alcmena “levantou devagar um braço e apanhou, com os seus longos dedos abertos em leque, alguns cabelos que lhe caíam pela testa” (p.607).

No dia em que Julia Enone faria 35 anos, a personagem de Lins (1976b, p.86) desenha no ar o mesmo gesto: “Alcmena levantou devagar um braço e apanhou com os seus longos dedos abertos em leque, alguns cabelos que lhe caíam pela testa”. Para além da citação, ficam claras – com o empréstimo – a admiração pelo escritor fluminense e a intenção de deixar na própria obra pistas para os

leitores. Se algum romance de Lins traz um forte sentido lúdico (lúdico-teórico) no espírito, esse é *A rainha dos cárceres da Grécia*.

Em menor grau no romance de Lins (ter como pano de fundo a cidade de São Paulo deve ter feito uma enorme diferença) e profusamente no de Lima Barreto, o leitor pode observar abordagens divergentes entre os personagens e seus ambientes. Em *Vida e morte*, de fato, Rio de Janeiro tem imenso destaque. Adquirem relevo não apenas situações urbanas (no Teatro Lírico, o Largo da Glória ou o Passeio Público), mas de situações mais paisagísticas: no solar da casa de Gonzaga de Sá, com um “séquito de palmeiras pensativas”, um “mar espelhejante” ou uma serrania firme. Não por acaso, tanto Augusto Machado, como Gonzaga de Sá, como o outrora professor de História Natural, *isolam-se* para contabilizar as suas mágoas sociais. Podendo chegar a entender agora a tríade conceitual da que Lins lança mão em seu trabalho acadêmico: o *isolamento* enquanto *afastamento* (temporal ou não) de outros seres humanos; o *insulamento* como uma *moradia separada* e o *ilhamento* como *incomunicabilidade* (entendida esta como um fenômeno que não é possível).

Escriturários (ou figuras de algum modo conectadas com a leitura e a escritura); seres isolados, sensíveis à natureza e à História, cientes de que o progresso contribui com a extinção da sensibilidade (e provoca desigualdades sociais), assim os personagens compartilhados. Textos que de uma forma ou outra levam adiante a subversão do critério temporal. Que deslocam o foco da ação (minimizando qualquer dose de drama e recolocando o movimento em situações com implicações sociais). Há uma diversidade patente de paralelismos entre os autores e estas duas obras.

Mas, entre o ensaísta (Lins) e o autor por ele escolhido (Barreto), há também uma diferença essencial que Osman Lins destaca (possivelmente como ato falho) na medida em que avança na sua análise. Grande parte do que acontece em *Vida e morte* emerge do olhar: “Este o sentido predominante e quase exclusivo em *Gonzaga de Sá*, na percepção do espaço, sendo raríssimas as ocasiões em que outros sentidos interferem” (LINS, 1976b, p.129).

Na antologia sobre o olhar publicada na década de 1980 por Aducci Novaes, Alfredo Bosi dedica um artigo à “fenomenologia do olhar” e resgata a hipótese

(revolucionária em seu momento, detalha o autor) do anatomista norte-americano Stephen Poliak:

O tecido cerebral resultou de uma evolução dos olhos em pequenos organismos aquáticos que viveram há mais de um bilhão de anos atrás. [...] não foi o cérebro que se estendeu até a formação do órgão visual, mas, ao contrário, foi o olho que se complicou extraordinariamente dando origem ao córtex onde, supõe-se, estaria a sede da visualidade. (MUELLER apud BOSI, 1988, p.65).

A imagem resgatada por Bosi é perfeita para entender o ponto de vista (e a preocupação sensorial) de Lima Barreto quando comparado com Lins. Para o autor pernambucano (pelo menos na etapa de sua madurez) teria sido impensável um texto ficcional sem uma marejada de detalhes por cada sentido (sendo a vista um deles, muito importante claro, mas um dentre cinco). *Avalovara* é o ápice do procedimento, mas *A rainha dos cárceres da Grécia* não fica por menos. A observação de Lins é específica e destaca a presença de um silêncio em particular, de uma sensação floral e de uma menção acústica. Inclusive nos textos incipientes de Lins a qualidade da minúcia sensorial aparece. Seu comentário é feito apenas como constatação, mas é representativo de um modo mais completo e mais sofisticado de trabalhar o tema do espaço. E como com o espaço, Lins avança também no ritmo narrativo, alargando a cada obra os limites da escrita romanesca. Talvez fosse ali (em “o quê mostrar” e em “como dizer”) onde Lins encontrasse beleza e doçura.

Referências

- BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017 (ebook).
- _____. “Prólogo”. In: BARRETO, L. *Dos novelas*. Barcelona: Biblioteca Ayacucho, 1978a, p.IX-XXXV.
- _____. “Cronología”. In: BARRETO, L. *Dos novelas*. Barcelona: Biblioteca Ayacucho, 1978b, p. 309-81.
- BARRETO, L. “Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá”. In: _____. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p.555-634.
- BOSI, A. “Fenomenologia do olhar”. In: NOVAES, A. et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976a.

_____. *A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo: Melhoramento, 1976b.

_____. *Evangelho na taba*. São Paulo: Summus, 1979.

SCHWARCZ, L. M. *Lima Barreto. Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 (ebook).

Francismar Ramírez Barreto é pós-doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, formada em Jornalismo de Imprensa pela Universidad Católica Andrés Bello (Caracas). Mestre e doutora pela Universidade de Brasília (UnB).